

MONTHLY HOUSE VIEW

ABRIL DE 2026

Gestão de riscos num ciclo
perturbado mas resiliente

01	EDITORIAL Gestão de riscos num ciclo perturbado mas resiliente	P3
02	MACROECONOMIA E ESTRATÉGIA DE INVESTIMENTO As repercussões do conflito com o Irão	P4
03	EM FOCO A IA e o mercado do trabalho: um conto distópico?	P8
04	PERSPETIVAS DE MERCADO Ao som dos canhões...	P10
05	MONITOR DE MERCADO Visão geral dos mercados seleccionados	P12
06	CONHEÇA A EQUIPA	P13
07	GLOSSÁRIO	P14
08	TERMO DE RESPONSABILIDADE	P15

Gestão de riscos num ciclo perturbado mas resiliente



Jérôme
VAN DER BRUGGEN
Chief Market Strategist

Estimada leitora, estimado leitor,

No mês transato, os mercados financeiros foram dominados pelas renovadas tensões no Médio Oriente, com reflexos nos preços da energia, e nos mercados do crédito. O resultado foi um aumento da volatilidade, mas, na nossa opinião, os efeitos macroeconómicos traduzem mais um agravamento contido de pressões estagflacionistas pré-existentes do que uma rutura do ciclo económico. As cotações do petróleo registaram um pico de curto prazo, mas a natureza dos atuais choques petrolíferos e a estrutura da economia mundial justificam mais a prudência do que reações alarmistas. Os picos nas cotações do petróleo decorrentes de fatores geopolíticos tendem a inverter-se porque as perturbações na oferta desencadeiam respostas compensatórias, nomeadamente o aumento da produção por parte de produtores não afetados, o recurso aos stocks estratégicos e a contração da procura por parte dos consumidores e da indústria. Num contexto de atividade global ainda resiliente, a atual evolução dos preços do petróleo parece refletir mais a persistência de pressões inflacionistas do que o advento de um novo regime.

Um segundo tema foi a crescente tensão nos mercados do crédito privado. Após anos de rápida expansão, esta classe de ativos está a sofrer as primeiras tensões significativas, que se traduzem por alocações mais seletivas, por uma maior dispersão dos desempenhos e por uma postura mais prudente por parte dos investidores. Consideramos que não se trata de um problema estrutural, mas sim de uma necessária fase de maturação de um mercado jovem. Em contrapartida, os mercados da dívida pública permanecem globalmente calmos, com um alargamento moderado dos *spreads* e sem sinais significativos de tensões sistémicas. No seu conjunto, estes desenvolvimentos sugerem que os riscos de volatilidade aumentaram (um efeito típico da interseção de fatores geopolíticos com uma expansão tardia do ciclo), mas não deixam antever uma rutura do ciclo subjacente.

Pensamos que a fase atual é definida pelo facto de as despesas de capital (CapEx) estarem a tomar o lugar do consumo e das políticas governamentais. O consumo das famílias normalizou-se após a fase pós-pandemia, os estímulos orçamentais estão a chegar ao fim e o investimento das empresas tornou-se um motor mais importante da atividade global. Esta dinâmica está, em larga medida, associada à inteligência artificial (IA), um movimento transformador que exige vastas infraestruturas físicas. Os centros de dados necessitam de energia, sistemas de refrigeração, *hardware* especializado e fatores de produção

avanzados. A difusão da IA estimula o investimento em infraestruturas de computação em nuvem, semi-condutores, redes de elevado desempenho e produção de energia. Esta é uma evolução marcadamente física nas suas exigências de investimento.

Como resultado, os beneficiários deste ciclo de CapEx vão muito além dos setores tecnológicos. Os bens industriais, a eletricidade, as infraestruturas energéticas e as matérias-primas estão a ser alvo de uma maior procura. Conforme observa Nicolas Gazin na secção “Perspetivas de mercado” da presente edição, esta situação cria oportunidades para as economias emergentes que forneçam fatores de produção essenciais e para as pequenas e médias capitalizações que operem em segmentos especializados de cadeias de abastecimento revitalizadas. Esta rotação sublinha que o ciclo económico continua a ser autosustentável, com novos motores a ocuparem progressivamente o lugar dos antigos, e que o panorama de investimento se está a alargar à medida que se reduz a concentração nas ações.

No que respeita aos efeitos da IA no mercado do trabalho, Hans Bevers diz-nos, na secção “Em foco” desta edição, que, até ao momento, a disrupção reflete evoluções tecnológicas anteriores. Nos últimos três anos, a evolução das profissões ocorreu a um ritmo equiparável ao registado na sequência do advento da computação comercial, em 1984, e da internet comercial, em 1996.

Na secção “Macroeconomia e estratégia de investimento”, Bénédicte Kukla, Grégory Steiner e Adrien Roure explicam por que razão os mercados estão a entrar num período em que a volatilidade é mais uma característica do que uma adversidade e em que é essencial distinguir entre ruído cíclico e oportunidades estruturais. O cenário geopolítico continuará, provavelmente, a ser pontuado por choques episódicos, mas os motores económicos, cada vez mais alimentados pelo investimento das empresas, permanecem intactos. Para os investidores, isto justifica uma maior diversificação e um reforço da gestão do risco, conservando a exposição a setores e regiões que beneficiem do ciclo de CapEx e vendo nas agitações de curto prazo potenciais pontos de entrada. Os mercados do rendimento fixo registam tensões entre uma atividade resiliente, por um lado, e pressões inflacionistas temporariamente elevadas, por outro, mas o ambiente do crédito em geral permanece construtivo.

Desejamos-lhe uma boa leitura.

As repercussões do conflito com o Irão



Grégory STEINER, CFA
Global Head of
Asset Allocation



Bénédicte KUKLA
Chief Strategist



AFASTADO
o cenário de
DESINFLAÇÃO
NA ZONA EURO

O choque energético provocado pela guerra entre os EUA e Israel e o Irão fez-se sentir em todo o mundo, colocando de novo as dependências energéticas no centro das atenções. Consequentemente, procedemos a uma revisão das nossas previsões macroeconómicas, tendo também em conta os efeitos opostos da inteligência artificial (IA) e das taxas aduaneiras dos Estados Unidos. Mantemo-nos investidos, se bem que ajustando a nossa estratégia aos riscos inerentes, e preparamo-nos para o período pós-conflito.

CENÁRIO MACROECONÓMICO

QUE RUMO IRÃO TOMAR OS MERCADOS DA ENERGIA EM 2026?

Os mercados abriram o ano de 2026 numa expectativa de agravamento das tensões geopolíticas. As cotações do petróleo começaram a subir acentuadamente no final de janeiro e, na sequência da eclosão do conflito entre os EUA e Israel e o Irão, tanto o petróleo como o gás natural dispararam, com o Brent a encarecer mais de 65% e o gás natural 80% em meados de março, face ao final de 2025. Embora a situação permaneça muito incerta, a administração Trump tem pouco interesse em agravar a situação, dado o potencial impacto nos preços do petróleo, na inflação e nos já baixos índices de aprovação, isto antes das eleições intercalares nos EUA. É provável que continue a ser aplicado um prémio de risco geopolítico sobre os preços da energia devido à presente situação de instabilidade, aos danos em infraestruturas, à necessidade de reconstituir os stocks, especialmente na Europa, e ao aumento dos custos com o transporte. Prevê-se que, após um período de grande volatilidade dos preços do petróleo e de picos ocasionais, o Brent se fixe perto dos 70 dólares por barril em junho e dos 65 dólares em 2027.

MANTEMOS PERSPETIVAS DE CRESCIMENTO MUITO POSITIVAS NOS EUA

O crescimento do produto interno bruto (PIB) dos EUA permanece resiliente, sustentado pela retração dos efeitos aduaneiros, por uma sólida política orçamental e por grandes investimentos impulsionados pela IA. Nos EUA, os choques petrolíferos tendem a repercutir-se rapidamente (no prazo de um a três meses) nos preços da gasolina, afetando diretamente o poder de compra das famílias. O impacto deverá permanecer mais contido do que na Europa, devido à menor dependência do gás natural, assim como ao efeito positivo a prazo de investimentos feitos no setor petrolífero. Os reembolsos excecionalmente elevados do imposto sobre o rendimento singular em 2026 ajudarão a amortecer o choque, embora o aumento dos preços dos combustíveis afete de forma desproporcionada as famílias com rendimentos mais baixos. Em fevereiro, a inflação dos EUA manteve-se estável nos 2,4%. Embora o choque energético temporário deva provocar uma subida da inflação global nos próximos meses, as expectativas de inflação permanecem ancoradas. A redução das taxas aduaneiras ajudaria a administração Trump a resolver o problema da acessibilidade antes das eleições intercalares. Para já, a taxa universal temporária de 10% veio substituir, durante três meses, as taxas aplicadas ao abrigo da Lei dos Poderes Económicos de Emergência Internacional (IEEPA). O choque petrolífero justifica ainda mais as nossas previsões de que a Reserva Federal (Fed) não fará mais do que um corte de 25 pontos base no segundo semestre de 2026. Se, por um lado, as preocupações com uma perda generalizada de postos de trabalho devido à IA parecem exageradas (ver “Em foco”, página 8), por outro, o mercado do trabalho parece não ter efeitos inflacionários, já que criação de emprego permanece moderada.

JAPÃO E ZONA EURO: NA PIOR ALTURA!

O crescimento do PIB da zona euro no quarto trimestre de 2025 excedeu as expectativas, com o desemprego a cair para um mínimo histórico (6,1%) e o plano orçamental da Alemanha a ganhar força antes do choque energético. A inflação de fevereiro (1,9%) ultrapassou as previsões, o que se deveu, principalmente, aos aumentos temporários dos preços dos serviços durante os Jogos Olímpicos de Itália, mas a inflação subjacente manteve-se abaixo das previsões do Banco Central Europeu (BCE). O choque dos preços da energia afetará mais fortemente a zona euro, tendo em conta os baixos níveis das reservas estratégicas de gás, a recuperação económica ainda frágil e o elevado grau de incerteza em torno do comércio externo. A subida dos preços do petróleo irá repercutir-se rapidamente nos preços da gasolina e do gasóleo de aquecimento, enquanto a subida dos preços do gás natural se fará sentir com um desfaseamento de 6 a 9 meses, à medida que os fornecedores forem ajustando as suas tarifas e à medida que se for intensificando a nova concorrência das economias asiáticas na procura de gás natural liquefeito (GNL) dos EUA. A inflação poderá ultrapassar os 3% a partir de setembro de 2026, sendo improvável uma desinflação dos preços da energia antes de julho de 2027. Prevê-se, agora, que o BCE mantenha as taxas em 2% durante 2026. Na nossa opinião, as antecipações dos mercados financeiros de duas subidas das taxas em 2026 são excessivas. As taxas atuais são quase neutras, ao contrário do que aconteceu durante a crise energética de 2022, quando eram muito mais baixas e quando a crise energética era mais grave (o gás natural negociado no Mecanismo de Transferência de Títulos (TTF) situa-se, agora, próximo dos 50 euros/MWh contra mais de 300 euros após o início do conflito na Ucrânia). A procura interna continua a ser apoiada por um mercado de trabalho relativamente sólido, por um alto nível de poupança e pelo crescimento dos rendimentos, enquanto os estímulos orçamentais em resposta à crise energética deverão permanecer modestos.

No Japão, o choque energético está a contribuir para as pressões de deflação (os salários nominais já haviam aumentado 3% em janeiro). O Banco do Japão poderá ver-se obrigado a subir as suas taxas no segundo semestre de 2026, contrariando perspetivas de crescimento até aqui otimistas e adiadas para 2027.

CHINA MENOS AFETADA DO QUE AS RESTANTES ECONOMIAS EMERGENTES

A China parece estar relativamente isolada do choque petrolífero mundial, graças às suas grandes reservas, a uma inflação interna moderada e a um cabaz energético diversificado. O governo tem como objetivo um crescimento de 4,5-5%, renunciando aos simbólicos 5%. O mercado imobiliário está novamente em baixa, o que aumenta a probabilidade de medidas orçamentais específicas. Na Ásia, o impacto do aumento dos preços da energia variará em função do peso das importações de petróleo, mas penalizará as balanças comerciais e as moedas asiáticas, que, na sua maioria, deverão perder valor face ao dólar. Estas moedas continuam sensíveis aos défices gémeos e às variações do apetite global pelo risco.

Produtores de petróleo como o Brasil, Angola e Rússia poderão beneficiar da subida dos preços, mas, no caso do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), o impacto no turismo e nas viagens penaliza as perspetivas. A América Latina parece estar mais protegida, mas os bancos centrais poderão sentir uma maior dificuldade em reduzir as suas taxas diretoras num quadro de choques energéticos e de apreciação do dólar.



QUADRO 1: PREVISÕES MACROECONÓMICAS 2025-2027, %

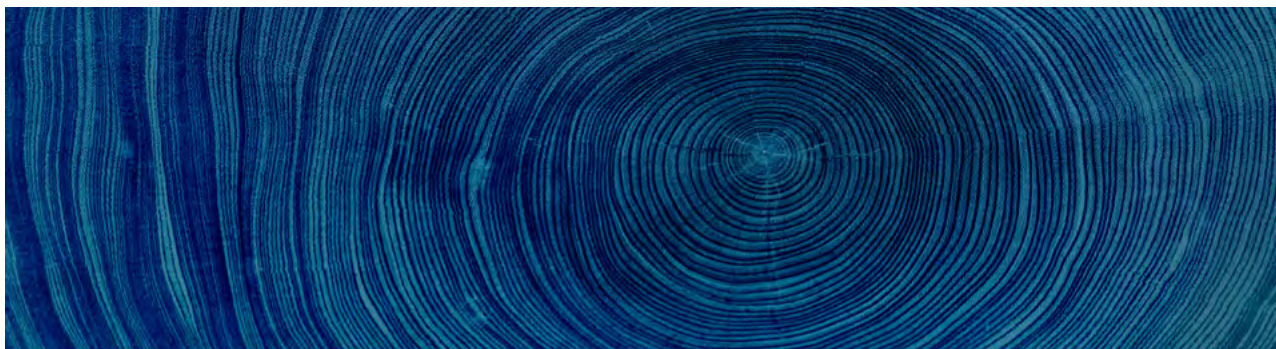
● Previsões em baixa desde a última edição

● Previsões em alta desde a última edição

	PIB			INFLAÇÃO ¹		
	2025	2026	2027	2025	2026	2027
EUA	2,2%	2,6%	2,1%	2,7%	2,9%	2,2%
Zona euro	1,6%	1,3%	1,6%	2,1%	2,1%	2,5%
China	4,9%	4,7%	4,3%	0,2%	0,6%	1,3%
Japão	1,2%	0,5%	1,0%	3,1%	2,0%	2,3%
Mundo	3,0%	3,1%	3,0%	-	-	-

Fonte: Indosuez Wealth Management.

1- Inflação (exceto produtos alimentares frescos).



Adrien ROURE
Multi-Asset Portfolio Manager



REDUZIMOS
a sobreposição em
ações para
CONTROLE
DE RISCO

CONVICÇÕES DE ALOCAÇÃO

Nas últimas semanas, assistiu-se a uma deterioração do balanço dos riscos nos mercados financeiros. As persistentes tensões geopolíticas no Médio Oriente, o aparecimento dos primeiros sinais de fragilidade no segmento do crédito privado, assim como a incerteza em torno do impacto estrutural da IA em determinados modelos de negócio, fomentaram um ressurgimento da volatilidade e um novo aumento da aversão ao risco.

Neste contexto e numa perspetiva de gestão disciplinada do risco, ajustámos taticamente a nossa alocação, reduzindo a sobreponderação em ativos de risco. No entanto, este ajustamento foi feito no quadro de uma perspetiva ainda construtiva no médio prazo. Globalmente, os fundamentais macroeconómicos permanecem resilientes, prevendo-se que o crescimento mundial em 2026 seja da ordem de 3%, sustentado por uma combinação de políticas ainda acomodaticias e pela gradual implementação das medidas de estímulo orçamental adotadas no ano transato.

AÇÕES

No segmento das ações, a diversificação continua a ser um pilar central na nossa alocação, tanto a nível geográfico como de setores e de estilos de investimento. No entanto, mantemos uma preferência relativa pelo mercado norte-americano, sustentada por uma forte dinâmica de lucros. A última época de resultados confirmou a robustez dos resultados publicados, isto apesar de uma maior dispersão entre setores e emissores. Os fluxos sustentados de recompra de ações, assim como o renovado ciclo de fusões e aquisições, também constituem fatores técnicos de suporte. O nosso posicionamento privilegiava um equilíbrio entre as grandes capitalizações e os segmentos internos, nomeadamente as pequenas e médias capitalizações, que deverão beneficiar das políticas de estímulo e das iniciativas de desregulamentação.

MERCADOS EMERGENTES

Relativamente aos mercados emergentes e após um período marcado por desempenho superior, reduzimos a nossa sobreponderação de modo a ter em conta fatores de curto prazo menos favoráveis, como o aumento dos preços do petróleo e a recente apreciação do dólar. Contudo, a nossa visão estratégica continua a ser positiva, assente em fundamentais sólidos, numa dinâmica favorável de lucros e em políticas económicas pró-ativas. Algumas regiões e alguns temas continuam a ser alvo de interesse, nomeadamente a tecnologia na Ásia e os mercados latino-americanos expostos a matérias-primas. Além disso, continuamos a privilegiar a Ásia emergente em detrimento do Japão, já que este último está mais exposto aos riscos associados a um endurecimento da política monetária e à apreciação da moeda local.

ZONA EURO

A nossa alocação na zona euro continua mais equilibrada. O recente desempenho dos mercados de ações da zona euro tem-se baseado, principalmente, numa expansão dos múltiplos de avaliação e não em revisões em alta dos lucros. Embora as medidas de estímulo orçamental devam beneficiar os segmentos nacionais, em particular as pequenas capitalizações, decidimos colocar este segmento sob um maior escrutínio num cenário de persistentes tensões energéticas e de pressões inflacionistas sobre as taxas de juro.



ALTO RENDIMENTO: regresso à NEUTRALIDADE

RENDIMENTO FIXO

No que respeita aos mercados de obrigações, mantemos uma sensibilidade reduzida às taxas de juro e uma subponderação da dívida soberana. A incerteza em torno das trajetórias orçamentais, combinada com o risco de um choque energético prolongado, é suscetível de penalizar os prazos de vencimento mais longos. No entanto, uma continuação da normalização das taxas de juro poderá oferecer pontos de entrada mais atrativos, nomeadamente na zona euro, onde nos parecem excessivas as expetativas de um aperto monetário.

TAXAS DE JURO E MERCADOS DE CRÉDITO

No crédito, o perfil assimétrico de rendimento/risco parece ser menos favorável num contexto de alargamento gradual dos *spreads* a partir de níveis historicamente apertados, com as incertezas geopolíticas e as fragilidades observadas no crédito privado a começarem a afetar toda a classe de ativos. Estamos a reduzir a nossa sobreponderação, mas conservamos uma perspetiva positiva desta classe de ativos, dado que os balanços das empresas permanecem globalmente sólidos. Para efeitos de diversificação, mantemos o interesse pela dívida dos mercados emergentes em moeda local, que oferece rendibilidades reais atrativas.

FOREX

Nos mercados cambiais, o dólar beneficiou do seu estatuto de valor de refúgio. No entanto, consideramos que esta apreciação deverá ser transitória, exceto em caso de deterioração significativa do contexto geopolítico. No médio prazo, a dinâmica estrutural da diversificação das reservas e das alocações internacionais deverá continuar a exercer uma pressão descendente sobre o dólar.

Em suma, num ambiente caracterizado por um aumento da incerteza e da volatilidade, procedemos a um ajustamento tático da nossa exposição ao risco. Esta abordagem permite-nos também reconstituir as reservas de liquidez. Pensamos que as fases de volatilidade de curto prazo podem gerar pontos de entrada atrativos num contexto macroeconómico ainda resiliente.

CONVICÇÕES FUNDAMENTAIS - POSIÇÃO TÁTICA

○ 12.02.2026

● 18.03.2026



Fonte: Indosuez Wealth Management.

A IA e o mercado do trabalho: um conto distópico?



Hans BEVERS
Chief Economist
Degroof Petercam



A
IA
compete direta-
mente com o
TALENTO
HUMANO

A inteligência artificial (IA) deixou de ser um domínio exclusivo da ficção científica e está a tornar-se, cada vez mais, parte da nossa vida quotidiana. Enquanto “tecnologia de uso geral”, a IA vai ter um impacto significativo em amplos segmentos da economia. Neste pequeno artigo, analisamos o impacto da IA no mercado do trabalho.

Um relatório elaborado pela empresa de investigação financeira Citrini intitulado “A Crise da Inteligência em 2028” (*The 2028 Intelligence Crisis*) descreve um cenário distópico em que a IA provoca a perda de postos de trabalho em grande escala, fazendo com que o desemprego nos EUA ultrapasse os 10% até 2028. Note-se que, para os autores, se tratou de uma experiência de pensamento e não de uma previsão. No entanto, a reação dos mercados foi suficientemente significativa para merecer uma análise mais atenta.

É certo que a IA vai provocar o desaparecimento de postos de trabalho. Tanto os trabalhadores como as empresas que vejam os seus rendimentos a diminuir em consequência disso também irão reduzir as suas despesas. Os economistas que sustentam que as mudanças tecnológicas muito simplesmente não conduzem ao desemprego tendem a esquecer que a fase inicial da primeira revolução industrial foi acompanhada por um agravamento do desemprego, da pobreza e da agitação social.

Porém, numa perspetiva de mais longo prazo, e desde o século XX, as evoluções tecnológicas têm sido (muito) mais bem absorvidas pela sociedade. Através da introdução de sistemas de segurança social (como o subsídio de desemprego), da formação e reconversão profissional e dos acordos coletivos de trabalho, os ganhos de produtividade resultantes das tecnologias inovadoras foram parcialmente transferidos para os trabalhadores. O aumento dos rendimentos reais conduziu, então, a uma maior procura de novos produtos e serviços e, consequentemente, a novos postos de trabalho em novos setores.

Por exemplo, o chamado choque do Microsoft Excel tornou obsoletos alguns postos de trabalho na área da contabilidade. Contudo, ao mesmo tempo que se perdiam estes postos de trabalho, iam sendo criados outros no setor da análise financeira. E quando o mundo passou do transporte a cavalo para os veículos a motor, os empregos dos moços de estrebaria foram substituídos por empregos de mecânicos de automóveis. Por outras palavras, para além de um efeito de substituição, houve também um efeito de compensação.

Ainda assim, devemos ter o cuidado de não tomar como infundadas as inquietações relativamente ao emprego. De facto, o efeito de substituição pode ser concentrado, enquanto o efeito de compensação pode ser difuso. As perturbações a nível local podem ser significativas. Recordemos o encerramento de minas ou o declínio da indústria têxtil nas décadas de 1970 e 1980. Para os trabalhadores afetados, o impacto poderá ter sido semelhante ao sofrido pelos tecelões manuais no início do século XIX. Mesmo que a reconversão profissional e a redistribuição de postos de trabalho ofereçam alívio, mantém-se a questão da autoestima.

Além disso, poder-se-á perguntar se a IA é diferente. No passado, as máquinas eram utilizadas principalmente para substituir o trabalho físico e as tarefas de rotina. Agora que envolvem trabalho cognitivo, as máquinas que integram a IA estão a entrar em concorrência direta com os seres humanos. E ainda que esses novos postos de trabalho acabem por se concretizar, não existirá um risco de que ocorra primeiro um aumento temporário do desemprego friccional? Por exemplo, já são referidos casos em que os postos de trabalho de nível básico estão sob pressão à medida que a IA assume tarefas repetitivas (gráfico 1, página 9).

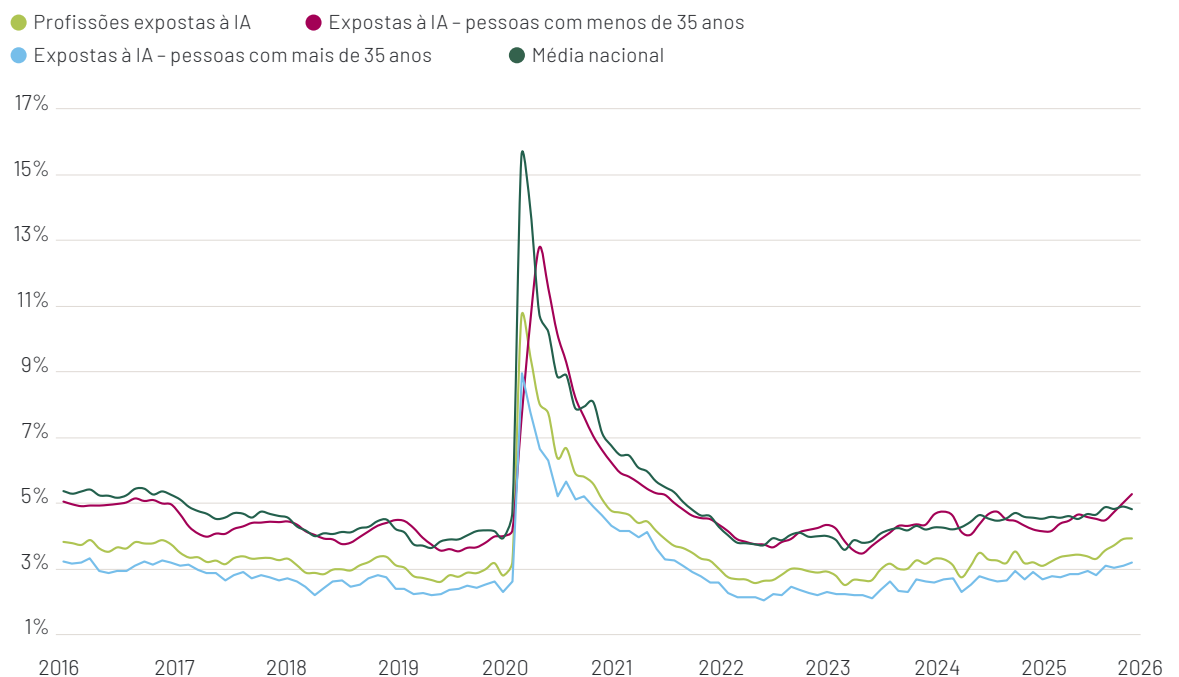
Posto isto, embora a taxa de desemprego esteja a aumentar um pouco mais rapidamente nas profissões expostas à IA, em especial entre os trabalhadores mais jovens, não devemos, para já, exagerar o impacto. Isto é confirmado por outros estudos. Segundo dados da Fed de St. Louis e do Gabinete de Pesquisa Económica dos EUA, a adoção da IA continua a ser gradual e moderada. A utilização diária pelos trabalhadores oscila em torno dos 13-14%, enquanto os diretores executivos utilizam esta tecnologia apenas cerca de 2 horas por semana. As poupanças de tempo comunicadas são mínimas (1,4% a 2%) e 90% dos diretores executivos não referem qualquer impacto no emprego nos últimos três anos.



Os primeiros dados revelam que as perturbações no mercado do trabalho resultantes da IA têm vindo a acompanhar as recentes evoluções tecnológicas. Nos últimos três anos, a chamada composição ocupacional (uma forma de avaliação da estrutura do mercado do trabalho) alterou-se a um ritmo bastante comparável à evolução registada nos anos subsequentes ao advento da computação comercial (1984) e da internet comercial (1996). Os economistas do trabalho, por seu lado, salientam que os efeitos da evolução tecnológica não se limitam à simples eliminação ou criação de postos de trabalho. O trabalho é visto principalmente em termos de tarefas. Ora, essas tarefas, que, onde possível, integram cada vez mais a IA, continuam a exigir a supervisão de seres humanos.

Para já, podemos concluir que a transição é real, mas que não é de modo algum distópica. Devemos, no entanto, acompanhar de perto as consequências sociais. Vários estudos apontam para o risco de uma (nova) alteração na distribuição dos rendimentos (do trabalho para o capital), assim como para a probabilidade de uma clivagem de competências em matéria de IA dentro das empresas, a par de maiores disparidades económicas regionais. Além disso, teremos de estudar atentamente o que irá acontecer durante a próxima recessão. Historicamente, o poder disruptivo das tecnologias só se tornou plenamente visível durante uma recessão económica. É então que as empresas aproveitam para rever profundamente os seus processos de produção e para eliminar postos de trabalho tornados redundantes pelos progressos tecnológicos.

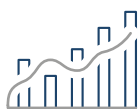
GRÁFICO 1: TAXA DE DESEMPREGO NOS EUA, %



Fontes: Oxford Economics, IPUMS CPS (2026), Indosuez Wealth Management.



Nicolas GAZIN
CIO Equity Quantamental
DPAM



LUCROS EM 2026:

crescimento
previsto superior
a 10%

A escalada de tensões entre os Estados Unidos e o Irão desencadeou um grande recrudescimento da aversão ao risco, eliminando parte dos ganhos registados desde o início do ano nos mercados de ações. A questão imediata diz respeito aos preços da energia, com o espectro da estagflação a pairar no horizonte.

Um aumento sustentado do preço do petróleo poderá reavivar as expetativas de inflação e atrasar o ciclo de flexibilização monetária previsto pela Fed, penalizando as margens de lucro e os múltiplos de avaliação. Dito isto, a experiência histórica sugere que os choques geopolíticos são geralmente absorvidos com relativa rapidez pelos mercados. Uma vez passada a reação inicial, os investidores tendem a concentrar-se novamente nos fundamentais macroeconómicos e na dinâmica de lucros, ilustrando, mais uma vez, o adágio segundo o qual se deve comprar “enquanto soam os canhões”.

ESTADOS UNIDOS

No contexto atual, o mercado dos EUA parece ser relativamente mais resistente no curto prazo. A relativa independência energética dos EUA tem um efeito amortecedor face ao choque petrolífero, limitando o impacto direto nos custos de produção e na balança comercial, ao contrário do que acontece noutras regiões mais dependentes.

Também as excecionais características das ações dos EUA permanecem intactas, conforme evidenciado pela época de resultados do quarto trimestre, que confirmou a robustez do ciclo de lucros. O crescimento dos lucros excedeu as expetativas, graças à continuação de uma atividade dinâmica, em que se destaca uma grande contribuição dos setores tecnológico e financeiro.

O único motivo de atenção é a reação mais matizada dos mercados relativamente às principais ações tecnológicas (os “Sete Magníficos”), conforme ilustrado pela queda de quase 10% da Microsoft apesar da publicação de resultados sólidos. Isto reflete expetativas elevadas, uma maior sensibilidade aos níveis de cotação e crescentes dúvidas quanto à escala das despesas de capital destes gigantes tecnológicos.

Embora a capacidade dos *hyperscalers* para rentabilizar estes investimentos continue a ser objeto de debate, existe um número crescente de empresas a integrar estes temas na sua estratégia, o que sugere uma difusão gradual do ciclo de investimento em tecnologia.

EUROPA

A Europa continua particularmente exposta aos choques energéticos. Uma subida sustentada dos preços do petróleo e do gás teria um peso mais direto na atividade e nas margens de lucros devido à dependência das importações.

A época de resultados foi satisfatória e as revisões de lucros no curto prazo mantêm-se estáveis. Para 2026, as expetativas de crescimento dos lucros mantêm-se elevadas, com um crescimento previsto superior a 10%, embora sujeito à estabilização do ambiente macroeconómico.

As cotações permanecem atrativas numa base relativa e vários catalisadores poderão apoiar uma recuperação gradual, nomeadamente os previstos estímulos orçamentais na Alemanha.

Neste contexto, a Europa mantém o seu interesse numa perspetiva de diversificação, mas continua dependente de melhorias mais tangíveis no ciclo interno, isto num cenário em que o risco energético continua a ocupar uma posição central.

MERCADOS EMERGENTES ASIÁTICOS

No curto prazo, os mercados emergentes asiáticos continuam a ser os mais expostos ao risco energético. A elevada dependência das importações de petróleo torna a Coreia do Sul e Taiwan particularmente vulneráveis, com um impacto potencial nas margens de lucro do setor industrial e nas cadeias de abastecimento do setor tecnológico.

No médio prazo, porém, o ambiente continua a ser favorável, sustentado por um dólar americano que deverá voltar a depreciar, por bancos centrais que, em regra, mantêm uma postura acomodaticia e pela continuação do ciclo de investimento ligado à inteligência artificial (IA).

A China é um pilar fundamental. O novo plano quinquenal coloca a ênfase num crescimento mais qualitativo, combinando apoio ao consumo e aceleração do investimento em tecnologias estratégicas, nomeadamente IA e semicondutores, e na inovação industrial. Estas linhas orientadoras contribuem para estabilizar uma dinâmica ainda frágil.

JAPÃO

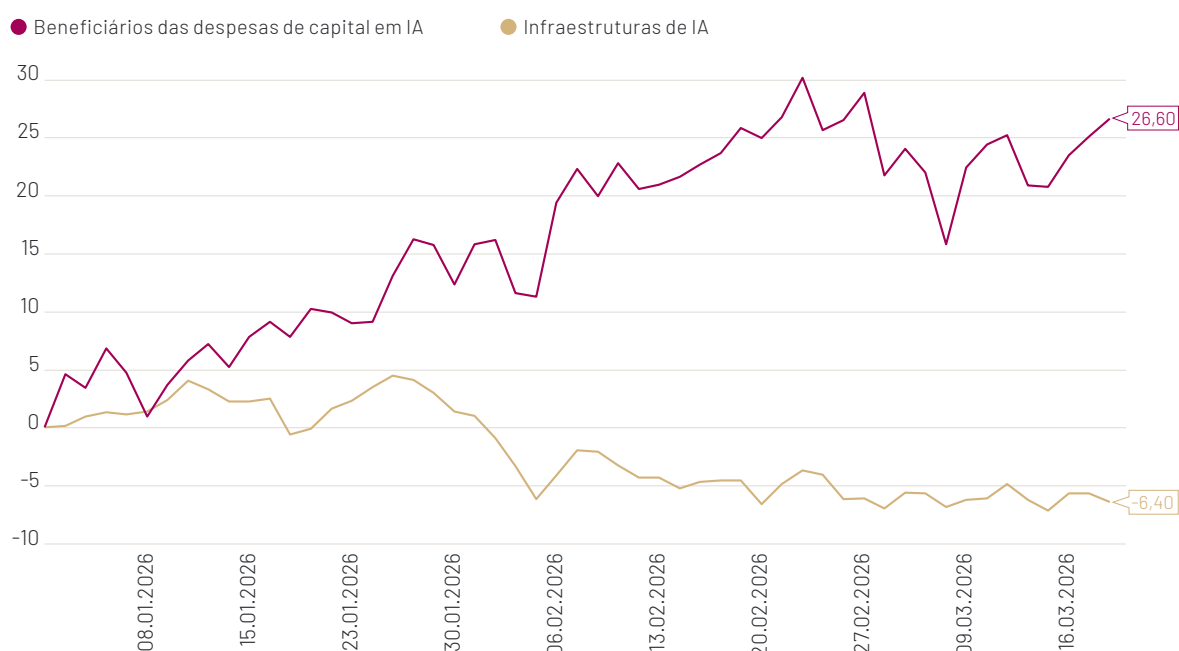
O Japão beneficia de um ambiente interno mais favorável, estimulado pela vitória eleitoral de Sanae Takaichi, que veio aumentar a probabilidade de uma política orçamental expansionista combinando reduções fiscais e aumento do investimento, particularmente em setores estratégicos. Está a ser implementado um pacote de estímulos em grande escala, num montante superior a 21 biliões de ienes (136 mil milhões de dólares), que visa apoiar o crescimento e o poder de compra.

No curto prazo, o aumento dos custos da energia é um aspeto a vigiar. No Japão, uma das economias mais dependentes das importações de energia, o mercado de ações tem uma exposição limitada ao setor da energia, o que reduz a sua capacidade para amortecer um choque de preços.

ESTILOS DE INVESTIMENTO

Está a ganhar força o tema do "alargamento" (diversificação para além dos "Sete Magníficos" e das principais ações *Growth* dos EUA), nomeadamente através do aumento dos investimentos ligados à IA. Embora os *hyperscalers* continuem a ser os principais motores em termos de despesas de capital, a criação de valor está agora a estender-se a toda a cadeia (equipamentos, energia, refrigeração, construção), promovendo uma maior dispersão entre vencedores e perdedores e um alargamento da liderança para além das megacapitalizações (gráfico 2). Neste contexto, privilegiamos as áreas que oferecem valorizações mais atrativas, visando, nomeadamente, as ações norte-americanas de pequena e média capitalização, enquanto, na Europa, mantemos a preferência pelos estilos Qualidade e *Value*.

GRÁFICO 2: A IA ESTÁ A AUMENTAR O FOSSO ENTRE GANHADORES E PERDEDORES



Fontes: Bloomberg 2026, Indosuez Wealth Management.

Visão geral dos mercados selecionados

DADOS A 19.03.2026

TÍTULOS DA DÍVIDA PÚBLICA	RENDIMENTO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS (PB)	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL (PB)
Títulos do Tesouro dos EUA de 10 anos	4,25%	18,20	8,23
França 10 anos	3,64%	32,60	7,80
Alemanha 10 anos	2,96%	21,50	10,30
Espanha 10 anos	3,46%	35,30	17,70
Suíça 10 anos	0,37%	9,10	4,50
Japão 10 anos	2,27%	12,90	21,00

TÍTULOS	ÚLTIMO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
Títulos da Dívida Pública de Mercados Emergentes (ME)	41,14	-3,50%	-1,03%
Títulos da Dívida Pública em EUR	212,94	-1,53%	-0,45%
High yield em EUR Corporativo	239,52	-1,76%	-1,11%
High yield em USD Corporativo	391,32	-1,43%	-0,55%
Títulos da Dívida Pública dos EUA	336,29	-0,62%	0,08%
ME Corporativos	45,42	-1,82%	-0,98%

MOEDAS	ÚLTIMO SPOT	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
EUR/CHF	0,9134	0,09%	-1,86%
GBP/USD	1,3431	-0,25%	-0,33%
USD/CHF	0,7882	1,70%	-0,56%
EUR/USD	1,1589	-1,56%	-1,34%
USD/JPY	157,73	1,75%	0,65%

ÍNDICE DE VOLATILIDADE	ÚLTIMO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
VIX	24,06	3,83	9,11

ÍNDICES DE AÇÕES	ÚLTIMO PREÇO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
S&P 500 (EU)	6.606,49	-3,72%	-3,49%
FTSE 100 (Reino Unido)	10.063,50	-5,30%	1,33%
STOXX Europe 600	583,64	-6,67%	-1,44%
Topix	3.609,40	-6,30%	5,88%
MSCI World	4.307,01	-4,89%	-2,78%
Shanghai SE Composite	4.583,25	-1,66%	-1,01%
MSCI Emerging Markets	1.476,21	-5,57%	5,12%
MSCI Latam (América Latina)	2.969,39	-7,61%	9,60%
MSCI EMEA (Europa, Oriente Médio, África)	254,13	-9,43%	-1,96%
MSCI Asia Ex Japan	964,26	-4,76%	5,57%
CAC 40 (França)	7.807,87	-7,04%	-4,19%
DAX (Alemanha)	22.839,56	-8,80%	-6,74%
MIB (Itália)	43.701,38	-4,57%	-2,77%
IBEX (Espanha)	16.905,90	-6,17%	-2,32%
SMI (Suíça)	12.459,54	-9,71%	-6,09%

COMMODITIES	ÚLTIMO PREÇO	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ALTERAÇÃO DO ACUMULADO ANUAL
Barra de Aço (CNY/Tm)	3.130,00	7,93%	0,81%
Ouro (USD/Onça)	4.650,02	-6,93%	7,66%
Petróleo bruto WTI (USD/Barril)	96,14	44,72%	67,43%
Prata (USD/Onça)	70,90	-8,67%	0,42%
Cobre (USD/Tm)	12.146,50	-5,17%	-2,23%
Gás natural (USD/MMBtu)	3,17	5,67%	-14,11%

Fontes: Bloomberg, Indosuez Wealth Management.
O desempenho passado não garante o desempenho futuro.

RETORNOS MENSAIS SOBRE INVESTIMENTO, EXCLUÍDO DIVIDENDOS

- FTSE 100

● STOXX 600
- Topix

● S&P 500
- MSCI World

● Shanghai SE Composite
- MSCI EMEA

● MSCI Latam
- MSCI Emerging Markets

● MSCI Asia Ex Japan

DEZEMBRO 2025	JANEIRO 2026	FEVEREIRO 2026	ALTERAÇÃO 4 SEMANAS	ACUMULADO ANUAL (19.03.2026)
4,41%	15,19%	10,44%	-1,66%	9,60%
2,74%	8,81%	6,72%	-3,72%	5,88%
2,73%	8,77%	5,79%	-4,76%	5,57%
2,57%	8,16%	5,41%	-4,89%	5,12%
2,28%	4,62%	3,74%	-5,30%	1,33%
2,17%	3,18%	3,70%	-5,57%	-1,01%
0,90%	2,94%	1,54%	-6,30%	-1,44%
0,73%	2,19%	0,64%	-6,67%	-1,96%
-0,05%	1,65%	0,09%	-7,61%	-2,78%
-0,45%	1,37%	-0,87%	-9,43%	-3,49%

Fontes: Bloomberg, Indosuez Wealth Management.
O desempenho passado não garante o desempenho futuro.

MELHOR DESEMPENHO



PIOR DESEMPENHO



Conheça a equipa editorial internacional da Indosuez Wealth Management, dedicada a transmitir com precisão e eficácia as estratégias de investimento elaboradas pelos nossos especialistas em todo o mundo, com o objetivo de garantir aos nossos clientes um serviço de excelência.

**Delphine
DI PIZIO TIGER**
Deputy Global Head of
Investment Management

**Alexandre
DRABOWICZ, CAIA**
Global Chief
Investment Officer

**Jérôme
VAN DER BRUGGEN**
Chief Market Strategist

Bénédicte KUKLA
Chief Strategist

Hans BEVERS
Chief Economist
Degroof Petercam

Lucas MERIC
Cross Asset Strategist

Francis TAN
Chief Strategist Asia

Alexandre GAUTHY
Senior Cross-Assets Manager /
Market Forex Strategist

Grégory STEINER, CFA
Global Head of
Asset Allocation

Jean-Marc TURIN, CFA
Head of Patrimonial Funds

Adrien ROURE
Multi-Asset Portfolio Manager

Mafalda DOS SANTOS
Global Head of
Content Marketing

Blockchain: Tecnologia de armazenamento e transmissão de informação, sob a forma de uma base de dados que tem a particularidade de ser partilhada simultaneamente com todos os seus utilizadores, e que geralmente não depende de nenhum órgão central.

BLS: Bureau of Labor Statistics.

Bottom-up (em inglês, cujo significado é "ascendente"): Análises, ou estratégias de investimento, que se concentram em especificidades e contas corporativas individuais, em oposição à análise *top-down* (descendente) que se concentra em agregados macroeconómicos.

Brent: Um tipo de petróleo bruto doce, frequentemente usado como referência para o preço do petróleo bruto na Europa.

Cíclico: Cíclico é um estilo que se refere a empresas dependentes das mudanças na economia de forma geral. Essas ações representam empresas cujos lucros estarão mais altos quando a economia estiver prosperando.

Defensivo: Defensivo é um estilo que se refere a empresas mais ou menos imunes às alterações das condições económicas.

Deflação: A deflação é o oposto da inflação. Ao contrário desta, a deflação se caracteriza por uma queda duradoura e autossustentável do nível geral de preços.

Duração: Reflete a sensibilidade de um título ou fundo de títulos a alterações nas taxas de juro; expressa em anos. Quanto maior a duração de um título, mais seu preço é sensível a quaisquer alterações nas taxas de juro.

EBIT (Earnings Before Interests and Taxes): Refere-se aos lucros gerados antes de quaisquer juros financeiros e impostos serem levados em conta. Pega os lucros e subtrai as despesas operacionais e, portanto, também corresponde a "lucro operacional".

EBITDA (Earnings Before Interests, Taxes, Depreciation and Amortisation): O EBITDA leva em conta o lucro líquido e acrescenta juros, impostos e depreciação. Ele é usado para medir a lucratividade operacional de uma empresa antes de despesas não operacionais e encargos não monetários.

ESG: Ambiental, social e governamental.

Estagflação: Se refere a uma economia que passa simultaneamente por um aumento da inflação e uma estagnação na produção económica.

FDIC: A Federal Deposit Insurance Corporation (Corporação Federal de Seguro de Depósitos) é uma agência governamental independente dos EUA que assegura os depósitos de particulares em bancos e outras instituições financeiras até 250.000 dólares em caso de falência.

Fed: Reserva Federal dos EUA, ou seja, o banco central dos Estados Unidos.

FMI: O Fundo Monetário Internacional.

FOMC (Federal Open Market Committee): É o órgão de política monetária do Federal Reserve dos EUA.

Growth: Estilo *Growth* refere-se a empresas com expectativas de crescimento de vendas e de resultados a um ritmo mais acelerado do que a média de mercado. Dessa forma, ações *Growth* geralmente se caracterizam por uma valorização mais alta do que a do conjunto do mercado.

Índice de surpresas económicas: Especifica o nível de desempenho superior dos dados macroeconómicos publicados em relação às expectativas dos previsores (consenso).

Índice dos gerentes de compras: PMI - Purchasing Manager Index em Inglês.

IPC (índice de preços ao consumidor): Permite estimar, entre dois dados períodos, a variação do preço médio dos bens e serviços consumidos pelas famílias. É usado como medida de inflação.

ISM: Sigla para Institute for Supply Management (Instituto de Gestão de Suprimentos, em português).

Lei GENIUS: Acrônimo de *Guiding and Establishing National Innovation for US Stablecoins*, é uma lei federal dos Estados Unidos, aprovada em julho de 2025, que cria um quadro regulamentar para as *stablecoins*, criptomoedas cujo valor é apoiado por uma moeda fiduciária como o dólar americano.

LPA (Earnings per share): Lucro por ação.

Notações: As notações das obrigações variam geralmente entre AAA (qualidade mais elevada) e C (qualidade mais baixa), por ordem decrescente: AAA - AA - A - BBB - BB - B - CCC - CC - C.

Obrigações de alto rendimento: As obrigações de alto rendimento (*high yield*) têm uma qualidade inferior à das obrigações *investment grade*, mas, tal como estas últimas, são, na sua maior parte, objeto da notação de uma agência especializada.

OCDE: Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico.

"One Big Beautiful Bill Act" (em português Grande e Bela Lei): É o nome dado a um amplo projeto de lei de reconciliação orçamentária aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos e sancionado pelo Presidente Trump em 4 de julho de 2025. Trata-se de uma grande e complexa legislação que inclui numerosas disposições que afetam vários aspectos da vida americana, incluindo impostos, assistência médica, política energética e muito mais.

OMC: Organização Mundial do Comércio.

OPEP: Organização dos Países Exportadores de Petróleo; 14 membros.

OPEP+: OPEP mais 10 países adicionais, a saber, Rússia, México e Cazaquistão.

PIB (produto interno bruto): O PIB mede a produção anual de bens e serviços de um país pelos operadores que residem no território nacional.

Ponto base (pb): 1 ponto base = 0,01%.

Ponto de equilíbrio da inflação (ou "inflation breakeven" em inglês): Nível de inflação que equilibra os rendimentos de títulos nominais e títulos indexados à inflação (de vencimento e qualidade idênticas). Em outras palavras, é o nível de inflação no qual, para um investidor, tanto faz possuir um título nominal como um título indexado à inflação. Assim, representa as expectativas de inflação, em uma área geográfica, para um determinado prazo de vencimento.

Poder de precificação: Expressão que designa a capacidade, de uma empresa ou marca, para aumentar seus preços, sem que isso afete a demanda por seus produtos.

Qualidade: Ações de Qualidade referem-se a empresas com lucros mais altos e mais confiáveis, endividamento baixo e outras medidas de rendimentos estáveis e de forte governança. Características comuns das ações de Qualidade são o alto retorno ao patrimônio líquido, a variabilidade da dívida em relação ao patrimônio líquido e a variabilidade dos rendimentos.

Quantitative easing (QE): Um instrumento de política monetária pelo qual o banco central adquire ativos como títulos, a fim de injetar liquidez na economia.

SAFE ("Security Action For Europe"): programa europeu de 150 mil milhões de euros destinado a facilitar a aquisição conjunta de armas pelos Estados-Membros da UE. Faz parte de um plano mais vasto de rearmamento do continente apresentado pela Comissão Europeia e que tem por objetivo mobilizar até 800 mil milhões de euros.

SEC (Securities and Exchange Commission): A SEC é uma agência federal independente com responsabilidade pelo funcionamento ordenado dos mercados de valores mobiliários dos EUA.

Spread (ou spread de crédito): Um *spread* é a diferença entre dois ativos, tipicamente entre taxas de juro, como aquelas de títulos corporativos sobre um título do governo.

SRI: Investimentos Sustentáveis e Responsáveis.

Taxa de swap a termo de cinco anos sobre cinco anos: Métrica de mercado que mede a expectativa de inflação anual média num período de cinco anos a partir de cinco anos no futuro. Dá uma ideia de como as expectativas de inflação podem mudar no futuro.

Value: Estilo *Value* refere-se a empresas que parecem ser negociadas a um preço mais baixo em relação a seus fundamentos. Características comuns das ações *Value* incluem alto rendimento de dividendos, relação baixa de preço sobre o valor patrimonial e relação baixa de preço sobre lucro.

VIX: O índice da volatilidade implícita do índice S&P 500. Mede as expectativas dos operadores de bolsa de 30 dias de volatilidade, com base em opções de índice.

Este documento intitulado "Monthly House View" (a "brochura") é publicado apenas para fins de comunicação de marketing.

Os idiomas em que é redigida fazem parte dos idiomas de trabalho da Indosuez Wealth Management.

As informações publicadas nesta brochura não foram revisadas, nem estão sujeitas à aprovação ou autorização de qualquer autoridade reguladora ou de mercado, em qualquer jurisdição.

A brochura não é destinada a pessoas de nenhum país em particular.

A brochura não se destina a pessoas que são cidadãos, domiciliadas ou residentes em um país ou jurisdição onde sua distribuição, publicação, disponibilidade ou uso possam violar as leis ou regulamentos em vigor.

Este documento não constitui ou contém uma oferta ou convite para comprar ou vender qualquer instrumento financeiro e/ou serviço de qualquer natureza. Da mesma forma, ele não constitui, de forma alguma, uma estratégia, recomendação ou assessoria de investimento ou desinvestimento, geral ou personalizada, assessoria jurídica ou fiscal, assessoria de auditoria ou qualquer outra assessoria de natureza profissional. Nenhuma representação é feita quanto à adequação ou adequabilidade de qualquer investimento ou estratégia em relação a circunstâncias individuais, ou de que qualquer investimento ou estratégia constitui assessoria de investimento personalizada para qualquer investidor.

A data relevante neste documento é, salvo indicação em contrário, a data de edição mencionada na última página deste termo. As informações nele contidas são baseadas em fontes consideradas fidedignas. Envidaremos todos os esforços para garantir a pontualidade, precisão e abrangência das informações contidas neste documento. Todas as informações, bem como o preço, as avaliações de mercado e os cálculos aqui indicados estão sujeitos a alteração sem aviso prévio. Os preços e desempenhos passados não são necessariamente um guia para os preços e desempenhos futuros.

Os riscos incluem, entre outros, riscos políticos, riscos de crédito, riscos cambiais, riscos econômicos e riscos de mercado. Antes de realizar qualquer transação, deve consultar seu consultor de investimento e, quando necessário, obter assessoria profissional independente relativamente aos riscos, bem como a todas as consequências jurídicas, regulamentares, de crédito, tributárias e contábeis. É aconselhável entrar em contato com seus consultores usuais para tomar suas decisões de forma independente considerando sua situação financeira particular e seu conhecimento e experiência.

As taxas de câmbio em moeda estrangeira podem afetar adversamente o valor, preço ou receita do investimento, quando este é realizado e convertido de volta para a moeda base do investidor.

CA Indosuez, sociedade francesa, holding do negócio de gestão de fortunas do grupo Crédit Agricole e suas subsidiárias ou entidades relacionadas, nomeadamente CA Indosuez (Switzerland) SA, CA Indosuez Wealth (Europe), CFM Indosuez Wealth, suas respectivas subsidiárias, filiais e escritórios de representação, onde quer que estejam, operam sob a marca única da Indosuez Wealth Management. Cada uma das subsidiárias, suas próprias subsidiárias, filiais e escritórios de representação, bem como cada uma das outras entidades da Indosuez Wealth Management, são designadas individualmente por "Entidades" e coletivamente por "Entidades".

As Entidades ou seus respetivos acionistas, bem como seus próprios acionistas, subsidiárias e, mais geralmente, as empresas do grupo Crédit Agricole SA ("Grupo") e, respectivamente, seus diretores, gestores seniores ou funcionários podem, individualmente ou em nome e representação de terceiros, realizar transações com os instrumentos financeiros descritos na brochura, deter outros instrumentos financeiros em relação ao emissor ou ao fiador desses instrumentos financeiros, ou prestar ou procurar prestar serviços de valores mobiliários, serviços financeiros ou qualquer outro tipo de serviço para ou dessas Entidades. Quando uma Entidade e/ou uma entidade do Grupo Crédit Agricole atua como consultor e/ou gestor de investimentos, administrador, distribuidor ou agente de colocação para determinados produtos ou serviços mencionados na brochura, ou realiza outros serviços em que uma Entidade ou o Grupo Crédit Agricole detém ou pode deter um interesse, direto ou indireto, sua Entidade dará sempre prioridade ao interesse do investidor.

Alguns investimentos, produtos e serviços, incluindo a custódia, podem estar sujeitos a restrições legais e regulamentares, ou podem não estar disponíveis em todo o mundo de forma irrestrita, tendo em conta a lei de seu país de origem ou país de residência, ou de qualquer outro país com o qual possa ter laços. Em especial, os produtos ou serviços apresentados na brochura não se destinam a residentes dos EUA e do Canadá. Os produtos ou serviços podem ser fornecidos pelas Entidades de acordo com seus preços e condições contratuais, em conformidade com as leis e regulamentos aplicáveis, e sujeitos a suas respectivas licenças. Podem ser modificados ou retirados a qualquer momento sem qualquer notificação.

Entre em contato com seu gerente de relacionamento para mais informações.

De acordo com os regulamentos aplicáveis, cada Entidade disponibiliza a brochura:

- **Na França:** a brochura é distribuída por CA Indosuez, uma sociedade anônima de responsabilidade limitada sob a lei francesa, com um capital social de 853.571.130 euros, empresa-mãe do grupo Indosuez e uma instituição bancária de serviços completos autorizada a fornecer serviços de investimento e corretagem de seguros, cuja sede está localizada em 17, rue du Docteur Lancereaux, 75008 Paris, França, registrada no Registro Comercial e de Empresas de Paris sob o número 572 171 635 (número de identificação individual de IVA: FR 075 72 17 16 35).
- **No Luxemburgo:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europa), sociedade anônima de direito luxemburguês, com sede social em 2520 allée Scheffer L-986 Luxemburgo, inscrita no Registro Comercial sob o número B91.986 e que possui a condição de entidade de crédito autorizada estabelecida no Luxemburgo e supervisionada pela Comissão de Supervisão do Setor Financeiro (CSSF).

- **Em Espanha:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europe) Sucursal em Espanha, supervisionada pelo Banco de Espanha (www.bde.es) e pela Comissão Nacional do Mercado de Valores (CNMV, www.cnmv.es), uma sucursal da CA Indosuez Wealth (Europe). Morada: Paseo de la Castellana número 1, 28046 Madrid (Espanha), registrada no Banco de Espanha com o número 1545. Inscrita no Registro Comercial de Madrid com o número T 30.176, F 1, S 8, H M-543170, NIF.
- **Na Itália:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europa), sucursal da Itália com sede em Piazza Cavour 2, Milão, Itália, registrada no Register of Banks no. 8097, código tributário e número de registro no Registro de Empresas de Milão, Monza Brianza e Lodi n. 97902220157.
- **Em Portugal:** a brochura é distribuída por CA Indosuez Wealth (Europe), Sucursal em Portugal, situada na Avenida da Liberdade, 190, 2.º B - 1250-147 Lisboa, Portugal, inscrita no Banco de Portugal sob o número 282, número fiscal 980814227.
- **Na Bélgica:** a brochura é distribuída pelo Banque Degroof Petercam SA, localizado na rue de l'Industrie 44, 1040 Bruxelas, Bélgica, registrado no Registro Comercial sob o número 0403 212 172, registrado na Banque-Carrefour des Entreprises (base de dados de empresas belgas) sob o número de IVA BE 0403 212 172 (RPM Bruxelas).
- **Na União Europeia:** a brochura pode ser distribuída pelas Entidades da Indosuez Wealth Management autorizadas a fazê-lo ao abrigo da Prestação Gratuita de Serviços.
- **No Mónaco:** a brochura é distribuída por CFM Indosuez Wealth, 11, Boulevard Albert 1er- 98000 Mônaco, registrada no Registro de Indústria e Comércio de Mônaco sob o número 56S00341, acreditação: CE/2012-08.
- **Na Suíça:** a brochura é distribuída por CA Indosuez (Switzerland) SA, Quai Général-Guisan 4, 1204 Genebra, e pela CA Indosuez Finanziaria SA, Via F. Pelli 3, 6900 Lugano, bem como por suas respetivas sucursais e/ou agências suíças. A brochura é material de marketing e não constitui o produto de uma análise financeira, nos termos das diretivas da Associação Suíça de Banqueiros (ASB) relativa à independência da análise financeira, tal como concebida pela lei suíça. Consequentemente, essas diretivas não são aplicáveis à brochura.
- **Em Hong Kong Região administrativa especial:** a brochura é distribuída pela filial de Hong Kong da CA Indosuez (Switzerland) SA, Suite 2918, Two Pacific Place - 88 Queensway - Hong Kong. Nenhuma das informações contidas na brochura constitui uma recomendação de investimento. A brochura não foi encaminhada à Comissão de Valores Mobiliários e Futuros (SFC) ou a qualquer outra autoridade reguladora em Hong Kong. A brochura e os produtos mencionados não foram autorizados pela SFC nos termos das Seções 103, 104, 104A ou 105 da Lei de Valores Mobiliários e Futuros (Cap. 571) (SFO).
- **Em Singapura:** a brochura é distribuída pela filial de Singapura do CA Indosuez (Switzerland) SA, 2 Central Boulevard, West Tower #12-02, 101 Central Boulevard Towers, 018916 Singapour. Em Singapura, a brochura destina-se apenas a investidores credenciados, investidores institucionais ou investidores especializados, conforme definido pela Lei de Valores Mobiliários e Futuros 2001, de Singapura. Para quaisquer perguntas relativas à brochura, os destinatários em Singapura podem entrar em contato com a filial de Singapura da CA Indosuez (Switzerland) SA.
- **No DIFC:** a distribuição da brochura é feita por CA Indosuez (Switzerland) SA, DIFC Branch, Al Fattan Currency House, Tower 2 - Level 23 Unit 4 DIFC PO Box 507232 Dubai - EAU, uma empresa regulamentada pela Autoridade de Serviços Financeiros de Dubai ("DFSA"). Esta brochura é voltada somente a clientes profissionais e/ou contrapartes de mercado e nenhuma outra pessoa deve agir com base nesse documento. Os produtos ou serviços financeiros aos quais esta publicação se relaciona somente estarão disponíveis a clientes que cumpriram com os requisitos de cliente profissional e/ou contraparte de mercado segundo a DFSA. Esta brochura é fornecida somente para fins informativos. Ela não deve ser interpretada como uma oferta de compra ou venda ou solicitação de uma oferta para compra ou venda de quaisquer instrumentos financeiros ou para participação de qualquer estratégia de negociação específica em qualquer jurisdição.
- **Nos EAU:** a brochura é distribuída pelo escritório de representação da CA Indosuez (Switzerland) SA, Abu Dhabi, Zayed - The 1st Street - Nayel & Bin Harmal Tower, 5th Floor office 504, P.O. Box 44836 Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos. A CA Indosuez (Switzerland) SA opera nos Emirados Árabes Unidos (EAU) através do seu escritório de representação, que está sob a autoridade de supervisão do Banco Central dos EAU. De acordo com as regras e regulamentos aplicáveis nos EAU, o escritório de representação da CA Indosuez (Switzerland) SA não pode exercer nenhuma atividade bancária. O escritório de representação só pode comercializar e promover atividades e produtos da CA Indosuez (Switzerland) SA. A brochura não constitui uma oferta a pessoa determinada ou ao público em geral, nem um convite para apresentar uma oferta. É distribuído em uma base privada, e não foi revisado ou aprovado pelo Banco Central dos EAU ou outra autoridade reguladora dos EAU.
- **Outros países:** as leis e regulamentos de outros países também podem limitar a distribuição desta brochura. As pessoas em posse desta brochura devem informar-se sobre quaisquer restrições legais e respeitá-las.

A brochura não pode ser fotocopiada, reproduzida ou distribuída, no todo ou em parte, seja de que forma for, sem o acordo prévio do seu Banco.

© 2026, CA Indosuez (Switzerland) SA/todos os direitos reservados.

Fotos: Adobe Stock.

Editado a 20.03.2026.

Presença internacional

A NOSSA HISTÓRIA

O Indosuez Wealth Management é a marca internacional de Gestão de Fortuna do grupo Crédit Agricole, o 10.º maior banco do mundo em termos de balanço (The Banker 2025).

Há mais de 150 anos que o Indosuez Wealth Management acompanha grandes clientes privados, famílias, empreendedores e investidores profissionais na gestão do seu património privado e profissional. O banco oferece uma abordagem personalizada, que permite a cada um dos seus clientes preservar e desenvolver o seu património de acordo com as suas aspirações. As suas equipas oferecem um continuum de serviços e ofertas que integram Consultoria, Financiamento, Soluções de Investimento, *Fund servicing*, Soluções tecnológicas e bancárias.

O Indosuez Wealth Management reúne mais de 4.300 colaboradores em 15 territórios no mundo: na Europa (Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal, Mónaco e Suíça), na Ásia-Pacífico (Hong Kong RAE, Nova Caledónia e Singapura) e no Médio Oriente (Abu Dhabi, Dubai).

Com 215 mil milhões de euros em ativos de clientes até ao final de dezembro de 2024, o Indosuez Wealth Management está entre os líderes europeus na gestão de patrimónios.

Mais informações em <https://ca-indosuez.com/>



INDOSUEZ WEALTH MANAGEMENT

O Indosuez Wealth Management conta com uma herança excepcionalmente rica, baseada em relacionamentos de longo prazo, experiência financeira e na nossa rede financeira internacional:

Ásia Pacífico

HONG KONG RAE

Suite 2918, Two Pacific Place - 88 Queensway
Hong Kong
T. +852 37 63 68 68

NOUMÉA

Le Commodore - Promenade Roger Laroque,
Anse Vata
98800 Nouméa - Nova Caledónia
T. +687 27 88 38

SINGAPURA

2 Central Boulevard, West Tower #12-02,
IOI Central Boulevard Towers,
018916 Singapura
T. +65 64 23 03 25

Europa

BRUXELAS

Rue de l'Industrie 44
1000 Bruxelas - Bélgica
T. +32 2 287 91 11

GENEبرا

Quai Général-Guisan 4
1204 Genebra - Suíça
T. +41 58 321 90 00

LISBOA

Avenida da Liberdade, n.º190, 2ºB
1250 - 147 Lisboa - Portugal
T. +351 211 255 360

LUXEMBURGO

39, Allée Scheffer
L-2520 Luxemburgo
T. +352 24 67 1

MADRID

Paseo de la Castellana 1
28046 Madrid - Espanha
T. +34 91 310 99 10

MILÃO

Piazza Cavour 2
20121 Milão - Itália
T. +39 02 722 061

MÓNACO

11, Boulevard Albert 1^{er}
98000 Mónaco
T. +377 93 10 20 00

PARIS

17, Rue du Docteur Lancereaux
75008 Paris - França
T. +33 1 40 75 62 62

Oriente Médio

ABU DHABI

Zayed - The 1st Street -
Nayel & Bin Harmal Tower,
5th Floor office 504
PO Box 44836 Abu Dhabi
T. +971 2 631 24 00

DIFC

Al Fattan Currency House, Tower 2
Level 23 Unit 4 DIFC
PO Box 507232 Dubai
T. +971 4 350 60 00